

**VENCEDOR MAN BOOKER PRIZE 2015**



**BREVE  
HISTÓRIA  
DE SETE  
ASSASSINATOS  
MARLON  
JAMES**

**RELÓGIO D'ÁGUA**

Relógio D'Água Editores  
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15  
1000-282 Lisboa  
tel.: 218 474 450  
fax: 218 470 775  
relogiodagua@relogiodagua.pt  
***www.relogiodagua.pt***

Copyright © 2014 by Marlon James

Título: Breve História de Sete Assassinatos  
Título original: *A Brief History of Seven Killings* (2014)  
Autor: Marlon James  
Tradução e Notas: José Miguel Silva  
Revisão de texto: Relógio D'Água Editores  
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)

© Relógio D'Água Editores, novembro de 2016

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:  
***www.relogiodagua.pt***

ISBN 978-989-641-633-1

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores  
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.  
Depósito Legal n.º 418125/16

Marlon James

# Breve História de Sete Assassinatos

Tradução de  
José Miguel Silva

Ficções

## Sir Arthur George Jennings

Ouçam.

Os mortos nunca param de falar. Talvez porque a morte não seja morte nenhuma, apenas ficar de castigo depois das aulas. Sabes de que sítio vens e estás sempre a voltar de lá. Sabes para onde vais, embora pareça que nunca mais lá chegas e estejas simplesmente morto. Morto. Parece coisa definitiva, mas é uma palavra a que falta um *endo*. Encontras-te com homens que morreram antes de ti, que passam o tempo a andar, embora sem destino, e ouve-los uivar e sussurrar, porque somos todos espíritos, ou pelo menos achamos que somos todos espíritos, mas na verdade o que somos é pessoas mortas. Espíritos que se introduzem noutros espíritos. Às vezes uma mulher mete-se dentro de um homem e geme como se recordasse o ato do amor. Gemem e lamentam-se em voz alta, mas o som entra pela janela como um assobio ou um sussurro debaixo da cama, e as crianças pequenas pensam que é um monstro. Os mortos gostam de se deitar debaixo dos vivos por três razões. 1) Passamos a maior parte do tempo deitados. 2) Vista de baixo, a cama parece a tampa dum caixão, mas 3) há sobre ela um peso, um peso humano no qual podes entrar para o tornar ainda mais pesado, e podes ouvir o coração bater enquanto o vês bombear, e ouvir o sopro das narinas quando os seus pulmões expulsam o ar, e invejas até a mais breve das exalações. Não tenho memória de caixões.

Mas os mortos não param de falar, e às vezes os vivos escutam. Era isto o que eu queria dizer. Quando estás morto, a fala não é mais do que tangentes e desvios, e não há nada para fazer senão vaguear e divagar um pouco. Bom, pelo menos isso é que os outros fazem. O que quero dizer é que os defuntos aprendem com os defuntos, mas é arriscado. Eu ouvia-me dizer, diante de quem quisesse ouvir, que na verdade não caí mas fui empurrado da varanda do Hotel Sunset Beach em Montego

Bay. Mas não posso dizer cala a boca, Artie Jennings, porque todas as manhãs tenho de voltar a pôr no sítio a minha cabeça de abóbora esborrachada. E mesmo agora, enquanto falo, consigo ouvir a minha voz de então, percebem, seus pândegos? O que pretendo dizer com isto é que a outra vida não é um *happening*, uma farra bestial, pá, vês aqueles aqueles estilosos sentados no tapete?<sup>1</sup> Nunca chegaram a perceber, e não há mais nada a fazer senão esperar pelo homem que me matou, mas ele não morre, limita-se a ficar cada vez mais velho e a arranjar miúdas cada vez mais novas, a gerar toda uma ninhada de putos retardados e a levar este país à ruína.

Os mortos nunca param de falar, e às vezes os vivos escutam. Às vezes ele responde-me. Se o apanho no instante em que os seus olhos começam a tremular durante o sono, põe-se a falar até que a mulher lhe dá um bofetão. Mas eu prefiro escutar os que estão mortos há muito. Vejo homens de calção riscado e casaca ensanguentada, e eles falam, mas o sangue escorre-lhes da boca, e, santo Deus, aquela revolta de escravos foi uma coisa pavorosa e a rainha de nada nos valeu quando a Companhia das Índias Ocidentais entrou num lamentável declínio comparada com a do Oriente, e porque é que tantos negros se deitam a dormir sempre que podem, e, raios partam isto, parece que perdi o lado esquerdo da cara. Estar morto é perceber que morto não significa desaparecido, está-se simplesmente no vazio da terra dos mortos. O tempo não para. Tu vê-lo mover-se, mas estás imóvel, como um quadro com um sorriso de Gioconda. Neste sítio, uma garganta cortada há trezentos anos e uma morte no berço há dois minutos são exatamente o mesmo.

Se não prestas atenção ao modo como dormes, dás por ti na posição em que os vivos te encontraram. No meu caso, estou deitado no chão, a cabeça, uma abóbora esborrachada, a perna direita torcida atrás das costas e os braços dobrados duma maneira esquisita. E de cima, da varanda, pareço uma aranha morta. Estou lá em cima e cá em baixo, e de lá de cima vejo-me como o meu assassino me viu. Os mortos revivem um gesto, um ato, um grito, e estão ali de novo simplesmente, no comboio que nunca parou até descarrilar, na varanda do décimo-sexto andar, na mala do carro onde o oxigénio se esgota. Corpos de rufias<sup>2</sup> rebentando como balões furados, cinquenta e seis balas.

Ninguém cai daquela maneira sem ter sido empurrado. Eu sei. E sei o que sente, e que aspeto tem, um corpo que cai e se debate com o ar durante toda a queda, fechando as mãos sobre o nada e implorando que por uma vez, só por uma vez, Jesus, seu filho duma rafeira, só por uma vez o ar nos dê algo que agarrar. E aterras numa vala de metro e meio

de fundura ou num chão de mármore dezasseis andares abaixo, ainda a espernear quando o chão sobe e te esmaga porque se cansou de esperar pelo sangue. E continuamos mortos, mas acordamos, eu, uma aranha esmagada, ele, uma barata esturricada. Não tenho memória de caixões.

Ouçam.

Os vivos esperam para ver, porque se iludem com a ideia de que têm tempo. Os mortos veem e esperam. Uma vez, disse à minha professora de catequese, Se o Paraíso é o lugar da vida eterna, e o Inferno é o contrário do Paraíso, o que vem a ser o Inferno? Um sítio para estouvados e patifes como tu, disse ela. Ainda é viva, vejo-a no Lar de Idosos Eventide, cada vez mais velha e mais estúpida, já não sabe o seu nome e fala num sussurro tão débil que ninguém a ouve quando diz que tem medo da noite porque é quando as ratazanas saem para roer o que lhe resta de dedos dos pés. Eu vejo mais do que isso. Se observares com atenção suficiente, ou talvez te baste olhar para a esquerda, verás um país que continua igual ao que era quando o deixei. Nunca muda. Quando estou entre as pessoas, elas estão exatamente como quando as deixei, o envelhecimento não faz qualquer diferença.

O homem que foi pai de uma nação, que para mim foi mais do que o meu próprio pai, chorou como uma súbita viúva quando soube que eu tinha morrido. Só depois de morto é que percebes que os sonhos dos outros estão ligados a ti, e então já não há nada a fazer senão vê-los morrer de maneira diferente, lentamente, membro a membro, sistema a sistema. Doença do coração, diabetes, doenças que matam devagar, com nomes que se dizem devagar. Isto é o corpo a avançar impaciente para a morte, uma parte de cada vez. Ele viverá o suficiente para se ver convertido em herói nacional e morrerá sendo o único a acreditar que fracassou. É o que acontece quando se personificam sonhos e esperanças numa pessoa. Ela transforma-se num mero recurso literário.

Esta é a história de vários assassinatos, de rapazes que não significavam nada para um mundo que continua a girar, mas em todos eles, ao passarem por mim, sinto o cheiro adocicado do homem que me matou.

O primeiro grita desalmadamente, mas o grito detém-se à porta dos dentes, porque os tipos o amordaçaram, e a mordança sabe a vômito e a pedra. E alguém lhe amarrou as mãos por trás das costas, mas ele sente a corda lassa, porque a pele esfolou e o sangue a humedece, ele esperneia de pernas juntas, porque estão amarradas, pontapeando a terra que se ergue cinco palmos, depois seis, e não se consegue levantar, porque sobre ele chove terra e lama e do pó ao pó e pedras. Uma pedra acertou-lhe no nariz, e outra, num olho, que começa a inchar, e ele grita, mas

o grito esbarra-lhe na boca e volta para trás como um refluxo, e a terra é uma inundação que sobe sem parar, e ele não consegue ver os seus pés. Depois vai acordar, ainda morto, e não me quererá dizer como se chama.

# Original Rockers

*2 de dezembro de 1976*





## Bam-Bam

Eu sei tinha catorze anos. Isso eu sei. Também sei tem muita gente fala de mais, principalmente o americano, que nunca cala a boca mas ri sempre que fala de ti, e é esquisito quando diz o teu nome junto doutros que nunca ouvimos falar, Allende Lumumba, nomes que pelo som parece o país donde veio o Kunta Kinte<sup>3</sup>. O americano quase sempre esconde os olhos nuns óculos de sol como fosse um pregador vindo da América pra converter os negros. Ele e o cubano às vezes vem juntos, outras vezes vem sozinhos, e quando um fala o outro tá sempre calado. O cubano não se mete com armas porque as armas precisam sempre de ser precisadas, diz ele.

E eu sei costumava dormir numa rede e a minha mãe era puta e o meu pai era o último homem bom do gueto. E também sei nos últimos dias tivemos a vigiar a tua casona de Hope Road, e numa altura saíste pra falar connosco como se fosses o Jesus e nós o Judas e abanaste a cabeça tipo a dizer vão em frente e façam que têm a fazer. Não lembro é se vi mesmo ou alguém viu e me contou de maneira que agora penso fui eu a ver, quando desceste do alpendre nas traseiras a comer fatia de fruta-pão e ela apareceu do nada como se tivesse coisas importantes pra tratar cá fora naquela hora da noite e ficou bué chocada porque tavas sem roupa, mas depois deitou a mão na tua fruta porque queria comer-lhe apesar os rastas não gramarem mulheres oferecidas e vocês dois começaram extasiar, e eu agarrei na minha piça e comecei extasiar também só de ver e ouvir, depois tu foste e fizeste uma canção sobre isso. O tipo de Concrete Jungle chegou na vespa verde de garina quatro dias seguidos, oito da manhã e quatro da tarde, pra buscar envelope castanho, até que a nova equipa de seguranças começou mandar-lhe embora. Também tamos a par dessa cena.

Em Eight Lanes e Copenhagen City tudo que podemos fazer é olhar. Um falinha-mansa na rádio diz crime e violência tá tomar conta do país

e se algum dia vai ser diferente é esperar pra ver, mas tudo que a gente pode fazer cá em baixo em Eight Lanes é ver e esperar. E eu que vejo é um rio de merda a correr rua abaixo e espero. E vejo a minha mãe levar dois homens por vinte dólares cada e mais outro que paga vinte cinco pra vir dentro em vez de tirar e espero. E vejo o meu pai ficar tão farto dela que lhe espanca como um cão. E vejo o zinco do telhado ficar castanho de ferrugem e depois a chuva encher a chapa de buracos como queijo estrangeiro, e vejo sete pessoas num cubículo e uma tá grávida e o pessoal fode assim mesmo porque é tão pobre que nem pode dar ao luxo ter vergonha e espero.

E o cubículo fica cada vez mais pequeno com irmão-irmã-primo a chegar da província, a cidade cada vez maior e não tinha um sítio pra dançar ou curtir as tuas cenas nem frango pro caril e mesmo quando tinha era muito caro, e uma moça levou punhalada porque sabiam ela trazia dinheiro pro lanche todas terças-feiras e os putos como eu cada vez mais velhos que iam na escola só vez em quando e não sabiam ler direito mas conheciam Coca-Cola e sonhavam era ir num estúdio e gravar sucesso que lhes arrancava do gueto, mas Copenhagen City e Eight Lanes são grandes de mais e sempre que chegamos na fronteira do bairro a fronteira avança diante nós tipo sombra até que o mundo todo é um gueto, e esperas.

Eu vi tu cheio de ambição e esperança e sabia que era tudo questão de sorte, tu sempre a rondar o estúdio até que o Desmond Dekker disse no homem pra te dar uma chance, e ele deu-te a chance porque sentiu ambição na tua voz antes mesmo de ouvir-te cantar. Tu cantaste, mas não canção de sucesso, demasiado bonita pro gueto já nessa altura, porque já tinha passado o tempo que boniteza facilitava a nossa vida. Vimos-te pressionar e tentar falar como tivesses dois metros de altura e nós queríamos era ver-te fracassar. E sabíamos de qualquer maneira ninguém ia querer-te pra rufia porque tu que tinhas era pinta de aldrabão.

E quando saíste pro Delaware e depois voltaste, tentaste cantar ska, mas o ska já tinha largado o gueto pra ir morar nos bairros finos. O ska subiu no avião e foi pro estrangeiro mostrar nos brancos que é como o *twist*. Se calhar os sírios e os libaneses sentiram orgulhosos, mas quando nós lhes vimos no jornal posar junto dumas hospedeiras não ficámos orgulhosos, ficámos foi banzados. Depois fizeste outra canção e desta vez foi um sucesso. Mas um sucesso não basta pra tirar-te do gueto quando tás a gravar pra um vampiro. Não é com um sucesso que vais virar Skeeter Davis ou o tipo das *Gunfighter Ballads*.

Quando saí da barriga da minha mãe ela já tinha desistido. O pastor diz tem um vazio em forma de Deus na vida de todas pessoas, mas úni-

ca coisa a gente do gueto tinha pra encher o vazio era outro vazio. Mil novecentos setenta e dois tinha nada a ver com 1962 e as pessoas continuavam falar baixo porque não podiam gritar quando o Artie Jennings morreu levou o sonho com ele. Que sonho não sei. As pessoas são é burras. O sonho não morreu, mas as pessoas não conseguem reconhecer um pesadelo quando tão mesmo no meio dele. Mais gente começou a mudar pro gueto só porque o Delroy Wilson cantava “Better Must Come”, e o homem que ia ser primeiro-ministro cantava o mesmo.<sup>4</sup> O Melhor Tem de Chegar. Homens que pareciam brancos mas quando era preciso falavam como pretos cantavam “Better Must Come”. Mulheres que vestiam como a rainha e só começaram a preocupar com o gueto quando o gueto explodiu e alargou até Kingston cantavam “Better Must Come”.

Mas primeiro chegou o pior.

A gente via e esperava. Dois homens trouxeram armas pro gueto. Um deles ensinou-me a disparar. Mas a malta do gueto já costumava matar uns nos outros muito antes disso. Com tudo que pudesse deitar mão: pau, machete, faca, picador de gelo, garrafa de sumo. Matar por comida. Matar por dinheiro. Às vezes um homem era matado porque olhou pra outro duma maneira que ele não gostou. E matar não precisa razão nenhuma. Isto é o gueto. Razão é pra gente rica. A gente só que tem é desatino.

Desatino é tarmos a subir rua elegante da baixa e ver uma dona toda bem vestida e ter vontade correr pra ela e lhe roubar a carteira, sabendo nem é tanto a carteira ou o dinheiro que queremos mas ouvir o grito dela quando repente nos vê aparecer diante a sua cara linda e somos capaz lhe tirar sorriso dos lábios com uma bofetada e lhe tirar alegria dos olhos com um soco e lhe matar ali mesmo e lhe violar antes ou depois de lhe matar porque isso é que rufias fazem nas damas decentes como ela. Desatino é que faz a gente seguir um tipo de fato por King Street, onde os pobres nunca entram e ver-lhe deitar fora uma sande de frango, e nós cheiramos a sande e perguntamos como que pode haver gente tão rica que usa frango só pra meter entre duas fatias de pão normal, e depois passamos pelo caixote do lixo e vemos a sande, inda embrulhada no papel prata, inda fresca, sem sujidade nem mosca nem nada e pensamos talvez, depois pensamos sim e tem de ser, só pra ver quê que sabe galinha sem osso. Mas nós dizemos não sou desatinado e o meu desatino não é como de maluco, é desatino de furioso, porque sabemos bem que o tipo só lhe deitou no lixo pra nós vermos. E juramos um dia vamos ser rufias e andar de faca e da próxima vez vamos-lhe aparecer repente e espetar o sofrimento no peito dele.

Mas ele sabe putos como eu não podem andar na baixa muito tempo sem a Babilónia<sup>5</sup> cair em cima de nós. O polícia só precisa ver tou descalço pra dizer caralho tás aqui a fazer preto nojento junto das pessoas decentes, e dá-me duas chances, fugir e ele corre atrás de mim até numa das vielas que atravessa a cidade pra poder me dar um tiro sem ninguém ver. Ele tem bué de balas no carregador e por isso uma vai acertar, ou então ficar ali e levar enxerto porrada na frente das pessoas decentes, com ele a espancar-me com bastão até me partir os dentes e rachar a cabeça tal maneira que nunca mais fico a ouvir direito desse ouvido, e depois diz espero sirva de lição pra nunca mais trazeses na alta esse couro malcheiroso do gueto. E eu vejo-lhes e espero.

Mas depois tu regressaste, apesar ninguém saber tinhas partido. As mulheres perguntavam porquê que voltaste se na América podias ter coisas boas como arroz *Uncle Ben's*. Nós perguntámos a nós mesmos se tinhas ido lá pra cantar sucessos. Alguns de nós continuavam a vigiar-te enquanto andavas pelo gueto tipo pequeno peixe em grande rio. Agora sei qual que era a tua jogada mas na altura não sabia, via-te fazer amigo aqui do pistoleiro acolá do rasta grande músico e deste bandido daquele rufia e até do meu pai, de maneira todos te conhecerem suficiente pra te gramar, mas não suficiente pra lembrar te recrutar. Tu cantavas tudo e mais alguma coisa, só pra conseguir um êxito, mesmo coisas que só tu conhecias e mais ninguém queria saber. “And I Love Her”, porque o Prince Buster fez uma versão de “You Won’t See Me” e foi um sucesso. Usavas tudo que tinhas, até uma melodia que não era tua, cantaste no duro e sem parar até que a música te tirou mesmo do gueto. Em 1971 já tavas na TV. Em 1971 foi quando disparei primeira vez.

Tinha dez anos.

E a vida no gueto não vale nada. Matar um putu não é nada. Lembro quando foi última vez o meu pai me tentou salvar. Chegou da fábrica a correr. Lembro porque a minha cara chegava no peito dele quando távamos de pé e ele arfava como um cão. O resto da noite passámos em casa, abaixados. É um jogo, disse ele bué depressa e alto de mais. Quem levantar primeiro perde, disse ele. Por isso eu levantei porque tinha dez anos e era um rapaz grande e tava cansado daquele jogo, mas ele deu um berro e agarrou-me e deu-me um soco no peito. Eu fiquei furioso e com falta de ar e vontade chorar e lhe odiar, mas então chegou a primeira bala que parecia uma pedra alguém atirou e foi cravar na parede. Então ouvimos outra e outra e outra. E depois rasgaram a parede toda *pá-pá-pá-pá-pá-pá-pá* com a diferença que a última bala acertou num cântaro com estrondo e depois seis sete dez vinte rebentaram na

parede *tchu-tchu-tchu-tchu-tchu-tchu-tchu*. E ele agarrou-me e tentou-me tapar as orelhas mas apertava tanto que não percebia tinha um dedo no meu olho. E eu ouvi as balas *pá-pá-pá-pá-pá-pá-pá* e *fuuuuch-bum* e senti o chão tremer. E tinha mulheres a gritar e homens a gritar e rapazes a gritar do jeito que acontece quando a vida é ceifada rente e ouvimos o grito cortado pelo *glu-glu* do sangue na garganta, o sufoco. E ele agarrou e tapou a minha boca pra eu não gritar e tive vontade morder-lhe na mão e mordi porque ele me tava tapar a boca e o nariz e eu disse papá por favor não me mates, mas ele tava tremer e eu perguntei seria as tremuras da morte e depois o soalho começou a tremer e repente viu-se pés, pés por todo o lado, homens passar e correr, correr e passar e rir e uivar e gritar os homem de Eight Lanes vão morrer todos. E o papá empurrou-me contra o chão e cobriu-me com o corpo mas ele era pesado e doía-me o nariz e ele cheirava a motores e tinha o joelho ou sei lá quê nas minhas costas e o soalho tinha um sabor azedo e eu sabia era da cera vermelha e quis que ele saísse cima de mim e senti ódio dele e tudo soava tipo abafado com meias. E quando finalmente ele saiu cima de mim, tinha gente lá fora a gritar mas não se ouvia mais *pá-pá-pá-pá-pá-pá-pá* ou *fuuuuch-bum*, e ele tava chorar e eu senti ódio dele.

Dois dias depois a minha mãe voltou pra casa toda contente porque sabia o novo vestido dela era única coisa bonita naquele gueto de merda, e o meu pai viu-lhe porque nesse dia não tinha ido trabalhar, porque já ninguém sentia seguro pra andar nas ruas, e foi direito a ela agarrou-lhe e disse puta do caralho<sup>6</sup> cheiras leite de macho que fedes. Depois lhe agarrou nos cabelos e deu-lhe um soco na barriga e ela gritou ele não era homem nenhum porque nem uma pulga sabia foder e ele disse ah é foda que queres? E disse deixa tar já te dou piça grande que chegue pra ti e agarrou-lhe pelos cabelos arrastou-lhe pro quarto enquanto eu espreitava por baixo do lençol onde ele me tinha escondido só pro caso de vir de noite alguns bandidos e agarrou numa vassoura e espancou-lhe no corpo todo e ela gritou e depois ganiu e depois ficou só gemer e o meu pai disse queres piça grande é, deixa tar já te dou piça grande sua puta imunda do caralho e pegou na vassoura abriu-lhe as pernas a pontapé. Expulsou-lhe de casa com uma patada e atirou as roupas dela na rua e eu pensei era última vez que ia ver minha mãe, mas ela voltou no dia seguinte, toda cheia ligaduras como a múmia do filme que fui ver por 30 cêntimos no Cinema Rialto e com ela vinham três sujeitos.

Os três homens agarraram no meu pai, mas ele lutou, lutou como um homem, deu-lhes até murros tipo John Wayne no cinema, como homem a sério deve lutar. Mas ele era só um e eles três e depois quatro. E o

quarto só entrou quando eles já lhe tinham moído de pancada e deixado como tomate esborrachado, e então esse disse meu nome é Funnyboy, tou na linha pra ser próximo *don*<sup>7</sup> e tu sabes qual o teu nome? Sabes qual o teu nome? Perguntei sabes qual o teu nome, filhaputa. E minha mãe riu mas o riso saiu como tivesse sem fôlego e o Funnyboy disse pensas és importante só porque tás trabalhar na fábrica? Fui eu que arranjou pra ti trabalho na fábrica e posso voltar a tirar-te, filhaputa. Sabes qual o teu nome, filhaputa? Teu nome é informador. E disse nos outros todos pra saírem.

Depois disse sabes porquê me chamam Funnyboy? Porque nunca levo nada na brincadeira.

Mesmo no escuro Funnyboy era mais claro que quase todos os outros, mas a pele dele era sempre vermelha, como se tivesse o sangue logo por baixo ou como os brancos quando apanham sol de mais, e tinha olhos cinzentos como um gato. E o Funnyboy disse no meu pai agora ele ia morrer, agora mesmo, mas se lhe fizesse sentir bem podia viver como os leões de *Born Free*, só que ia ter deixar o gueto. E disse só tem um jeito de ficares vivo e baixou fecho das calças tirou-lhe pra fora e disse queres viver? Queres viver? E meu pai queria viver e o meu pai cuspiu e o Funnyboy tinha a pistola apontada na cabeça dele. E falou no meu pai da província e disse pra onde que ele podia ir e que podia levar o puto e quando disse o puto eu tremi mas ninguém sabia eu tava ali debaixo do cobertor. E perguntou queres viver? Queres viver? Perguntou bué de vezes tipo miudita a chatear e esfregou o coiso nos lábios do meu pai e o meu pai abriu a boca e o Funnyboy disse morde a cabeça dou-te um tiro no pescoço pra ficares a ouvir-te morrer e meteu-lhe na boca do meu pai e depois disse mais vale lamber que tu a chupar pareces um peixe morto. E começou a gemer gemer gemer e fodeu na boca do meu pai depois tirou pra fora agarrou firme na cabeça dele e disparou. *Pap*. Não fez *bang* como nos filmes cowboys ou como o Harry Callahan quando dispara, tudo se ouviu foi só *pap* forte e seco que abanou a casa. O sangue salpicou na parede. Eu fiz um ruído de susto no momento que ele disparou, e por isso ninguém percebeu que eu tava ainda debaixo do cobertor.

A minha mãe entrou com depressa e começou a rir deu um pontapé no meu pai e aí o Funnyboy chegou nela e deu-lhe um tiro na cara. Ela caiu pra cima de mim, por isso quando ele disse vão buscar o puto eles procuraram todo lado menos debaixo do cobertor. E o Funnyboy disse, Vocês acreditam o paneleiro do gajo disse me chupava como um lambe-conas se eu não lhe matasse? O porco pervertido foi e agarrou no meu

pau. Dá pra acreditar?, disse ele aos homens que tavam me procurar, mas a minha mãe tava em cima de mim e tinha a mão na minha cara e eu espreitei entre os dedos dela como se fosse uma grade e não chorei e o Funnyboy continuava dizer que sabia o meu pai era paneleiro, só podia ser paneleiro e devia ser por isso que a mulher dele era tão puta é que não tinha quem tratava da crica dela, e depois falou não contem nada disto no Shotta Sherrif.

A casa tava silenciosa. Empurrei a minha mãe pro lado e fiquei contente por ver era de noite mas não podia sair porque eles podiam-me apanhar, por isso esperei a ver. Enquanto esperava, o meu pai deitado no chão junto da porta levantou chegou-se a mim e disse inglês é disciplina mais importante na escola porque mesmo arranjes emprego de picheleiro ninguém te vai dar trabalho se não souberes falar direito, e falar direito é tudo, mais importante que aprender uma arte. E disse um homem tem de aprender a cozinhar mesmo que seja serviço de mulher e continuou assim a falar e falar até de mais como era costume dele e numa altura falou tão alto que eu pensei se calhar quer os vizinhos ouçam pra aprender também, mas não, ele continuava deitado no chão e agora tava dizer pra eu fugir, pra fugir com depressa porque eles iam voltar pra levar os sapatos *Clarks* dele e tudo que tivesse na casa e iam deitar a casa abaixo pra procurar dinheiro mas ele sempre tinha posto a massa toda no banco. Ele tava na frente da porta. Eu tirei os *Clarks* mas olhei na cabeça dele e vomitei.

Os *Clarks* eram grandes de mais e os meus pés faziam *clap-clap-clap* enquanto ia na parte trás da casa, onde não tinha nada a não ser a antiga linha férrea e mato, e passei por cima da puta minha mãe que tremeu como se tivesse viva mas não tava. Subi a janela e saltei. Os *Clarks* era grandes de mais pra correr por isso tirei-lhes e corri pelo mato por entre vidros de garrafa e merda fresca merda seca e fogueiras inda com brasas e a linha férrea abandonada levou-me pra longe de Eight Lanes e corri corri escondi entre o mato até que o céu ficou cor laranja, depois rosa, depois cinzento e depois o Sol desapareceu e subiu no céu uma Lua gorda. Quando vi chegar três carrinhas cheias de homens comecei a correr até chegar em Garbagelands, que é quilómetros e quilómetros de lixo, entulho e merda. Tudo coisas as pessoas da alta deitam fora, montanhas inteiras de lixo com vales e dunas como no deserto e por todo lado fogueiras e eu ainda a correr e só parei quando vi outra vez o meu gueto e uma estrada cortada por um camião e meti por baixo do camião e continuei a correr e uns homens começaram a gritar e umas mulheres também e as casas deles pareciam diferentes, mais juntas, mais direitas,



e eu continuei correr e então apareceu um homem com uma espingarda mas uma mulher gritou é só um putto e tá sangrar, depois qualquer coisa fez-me tropeçar dei um tombo e comecei chorar e dois homens chegaram-se um deles apontou uma arma e então os meus pulmões começaram a zunir como o meu pai quando tava dormir e o homem da espingarda perguntou donde que és? Pelo cheiro pareces um daqueles paneleiros de Eight Lanes, e o outro homem disse é só um putto e tá todo coberto de sangue e o outro perguntou levaste um tiro rapaz? Eu não conseguia falar, tudo consegui dizer foi *Clarks* é sapato bom, *Clarks* é sapato bo... e ouvi a pistola do homem fazer clique e então alguém gritou este maldito Josey Wales que gosta mesmo é disparar! e que nem tudo se resolve com tiros, e os dois homens afastaram de mim mas outras pessoas se chegaram inclusive mulheres. Depois abriram uma passagem tipo Moisés quando separou o Mar Vermelho e ele chegou na minha beira e parou.

O Shotta Sherrif agora anda liquidar os seus, é? Ele não sabe tem falta de homens válidos? disse ele. Deve ser controlo natalidade à moda de Eight Lanes. Todos riram. Eu disse mamã e papá e não consegui dizer mais nada mas ele fez que sim com a cabeça e percebeu tudo. Queres vingança, queres-lhes matar? perguntou ele e eu queria dizer vingar meu pai sim minha mãe não, mas tudo consegui dizer foi *si-i-i-i* e fiz sim com a cabeça como tivesse levado um tiro e não pudesse falar. Então ele disse em breve, em breve, e chamou uma mulher e ela tentou-me pegar no colo mas eu agarrei nos *Clarks* e o homem riu. O homem era grande e vestia camisola de malha branca que brilhava na luz do candeeiro e iluminava a cara dele que tava quase toda coberta com barba, mas não os olhos que eram grandes e quase brilhavam também e ele sorria tanto que a gente mal reparava como tinha os lábios grossos ou quando parava de sorrir as faces encolhiam e a barba fazia a cara dele parecer um V muito fechado e os olhos olhavam para nós frios. O homem disse, eles que saibam nós aqui em Copenhaga City não somos escória de gueto, depois olhou para mim como a falar sem abrir a boca e eu percebi ele tava ver alguém que podia-lhe ser útil. Ele disse deem no putto um copo de água de coco e a mulher disse sim, Papa-Lo.

A partir daí comecei morar em Copenhagen City e olhava pra Eight Lanes e esperava pelo dia. E vi os homens de Copenhagen City ao princípio só andar com facas, depois arranjaram pistolas de cowboy, depois *M16* e depois armas tão pesadas que mal podiam com elas e fiz doze anos, acho eu, porque o Papa-Lo passou a chamar o dia que me achou o meu aniversário e deu-me também uma arma e chamou-me Bam-Bam.

E fui em Garbagelands com outro rapaz pra aprender disparar mas o coice da arma fez-me cair e ele riu e chamou-me conas e eu disse, conas foi que chamei na tua mãe ontem quando tava a foder-lhe e eles todos riram e outro homem, aquele que chamam Josey Wales, deu-me a arma e ensinou-me a fazer pontaria. Cresci em Copenhagen City e vi as armas mudar e sei que elas não vem do Papa-Lo. Vem dos dois homens que trouxeram armas pro gueto e do homem que me ensinou a usar-lhes.

Nós, o sírio, o americano e o Dr. Love junto do barracão diante do mar.